

Lisa Renee Jones

Autora bestseller do New York Times e do USA Today

O teu diário.
Os teus segredos.
O meu desejo.

«Estes livros são
viciantes!»
RT Reviews



ESCONDIDA

em ti

TOP
SEL
LER

Para o Diego — esta história é para ti.

Feliz aniversário!

1

Quarta-feira, 7 de março de 2012

Perigoso.

Há meses que tenho sonhos e pesadelos sobre a personificação perfeita que ele faz da palavra. Realidades alternadas e carregadas de sono, em que consigo cheirar vividamente o seu odor masculino almiscarado, sentir o seu corpo duro junto ao meu. Saborear a sua doçura e a sua sensualidade — como chocolate de leite que exige sedutoramente que eu ceda à vontade de dar mais uma trinca. E outra. É tão bom que me tinha esquecido de que o abuso tem um preço. Lembrei-me desta lição de vida no sábado à noite. E agora sei que, independentemente do que ele diga, independentemente do que ele faça, eu não posso — não quero — voltar a vê-lo.

Começou com ele como outra aventura erótica qualquer. Imprevisível. Excitante. Mal me lembro do que correu mal. De como se tornou algo tão negro.

Tinha-me mandado despir e sentar no colchão, encostada à cabeceira da cama, com as pernas bem abertas para ele ver. Nua diante dele, aberta para ele, eu estava vulnerável e a estremecer de desejo. Nunca na vida tinha recebido ordens de um homem; certamente nunca tinha pensado que estremeceria fosse pelo que fosse. Mas estremeci por ele.

Se a noite de sábado provou alguma coisa, foi que, assim que estava com ele, sob o seu feitiço, ele podia exigir tudo de mim que eu obedeceria.

Podia levar-me ao limite, a lugares incríveis aonde nunca tinha pensado ir. É exatamente por isso que não posso voltar a vê-lo. Ele faz-me sentir possuída, e o que me desconcerta neste sentimento é que gosto. Mal consigo conceber a ideia de permitir tal coisa, embora anseie por ela. Mas quando o vi em pé ao fundo da cama, no sábado à noite, de músculos largos e grossos, marcados por tendões, com o pénis projetado para a frente, não senti mais nada a não ser desejo.

Ele estava magnífico. Efetivamente, ele é na verdade o homem mais bonito que alguma vez conheci. Uma lascívia instantânea explodiu dentro de mim. Queria senti-lo perto de mim, senti-lo a tocar-me. E tocá-lo a ele. Mas sei agora que não devo tocá-lo sem a sua permissão. E sei que não devo suplicar-lhe que me deixe fazê-lo.

Aprendi a lição com os encontros passados. Ele gosta demasiado da vulnerabilidade que advém de uma súplica. Gosta de suspender os seus prazeres até eu estar quase a vibrar, com o meu corpo em brasa. Até eu ser calor líquido e lágrimas. Ele gosta de ter esse poder sobre mim. Gosta do controlo completo. Eu devia odiá-lo. Às vezes, acho que o amo.

A venda devia ter-me alertado de que estava a ir em direção a um lugar do qual não poderia regressar. Ao lembrar-me agora, creio que me alertou. Ele atirou-a para a cama, como um desafio, e num instante um arrepio percorreu o meu corpo. A ideia de não ser capaz de ver o que estava a acontecer comigo devia ter-me excitado — e excitou-me. Mas, por razões que não compreendia então, também me assustou. Eu estava assustada e hesitei.

Isto não lhe agradou. Ele mesmo mo disse, naquela voz de barítono, grave e intensa, que me faz estremecer incontrolavelmente. A necessidade de lhe agradar tinha sido muito apelativa. Pus a venda.

Fui recompensada pelo movimento do colchão. Ele estava a vir até mim. Eu sabia que em breve me viria. Deslizou as mãos possessivamente pela barriga das minhas pernas, pelas minhas coxas. E, raios o partam, parou mesmo antes do meu lugar de carência.

O que veio a seguir foi um redemoinho obscuro de sensações. Ele puxou-me para baixo e eu fiquei de costas deitadas no colchão. Sabia

que a satisfação estava a segundos de distância. Em breve ele penetrar-me-ia. Em breve eu teria o que necessitava. Mas, para minha angústia, ele afastou-se.

Foi então que tive a certeza de que ouvira o clique de uma fechadura. Fez-me rapidamente sentar direita, e chamei-o, com medo de que estivesse a ir embora. Certa de que tinha feito algo errado. Em seguida fiquei aliada quando a mão dele pousou, aberta, sobre a minha barriga. Eu tinha imaginado o som da fechadura. Só podia ter imaginado. Mas não consegui então ignorar a sutil mudança no ambiente, o desejo e o perigo grosseiro que consumiam o quarto, que parecia diferente dele. Esqueci facilmente esse pensamento quando ele instalou o seu peso entre as minhas coxas, levantando-me os braços sobre a cabeça com as suas mãos fortes, a sua respiração quente no meu pescoço — o seu corpo pesado, perfeito.

Não sei como, uma gravata de seda foi atada à volta dos meus pulsos e os meus braços foram presos à estrutura da cama. Nunca me ocorreu que ele não podia ter feito isto sozinho. Que ele estava em cima de mim, incapaz de manipular os meus braços. Mas, a seguir, ele estava a manipular-me o corpo, a mente, e eu tornei-me voluntariamente na sua vítima.

Ele ergueu o corpo de cima do meu e eu gemi, incapaz de o agarrar. Mais uma vez, o silêncio. E o agitar de tecido. Mais sons estranhos. Passaram alguns segundos, e lembro-me do arrepio que me percorreu a pele. A sensação de terror que se tinha formado no meu estômago.

E, depois, o momento do qual sei que me lembrarei até morrer. O momento em que o aço de uma lâmina me tocou nos lábios. O momento em que ele prometeu que haveria prazer na dor. O momento em que a lâmina me percorreu a pele com a prova de que ele cumpriria o prometido. E então eu soube que tinha estado errada. Ele não era perigoso. Nem era chocolate. Ele era letal, uma droga, e eu receava...



Um bater da porta do meu apartamento acorda-me das palavras sedutoras do diário que tenho estado a ler, a ponto de quase atirar

o caderno por cima do ombro. Com sentimento de culpa, fecho-o de repente e pouso-o de novo na simples mesinha de centro, de carvalho, onde a minha vizinha e grande amiga Ella Ferguson o tinha deixado na noite anterior. Eu não tinha tido a intenção de o ler. Simplesmente estava... ali. Na minha mesa. Inconscientemente, tinha-o aberto, e tinha ficado tão chocada com o que encontrara que não acreditara que poderia mesmo ser a escrita da minha querida e chegada amiga Ella. Por isso continuara a ler. Não conseguia parar, não sei porquê. Não faz sentido. Eu, Sara McMillan, sou professora de liceu e não invado a privacidade das pessoas, nem gosto deste tipo de leitura. Ainda estou a dizer isso a mim mesma, ao chegar à porta, mas não consigo ignorar o fogo ao fundo da barriga.

Paro antes de ir ver de quem se trata, e pouso as mãos nas bochechas, certa de que estão vermelhíssimas, na esperança de que quem quer que seja vá simplesmente embora. Prometo a mim mesma que, se forem, não volto a ler o diário, mas no fundo sei que a tentação será forte. Deus do céu, sinto-me como a Ella parecia sentir-se ao experienciar a cena no diário — como se fosse eu à espera de mais um momento excitante atrás de outro. É claro que mulheres com 28 anos não costumam passar tanto tempo sem sexo. O pior é que invadi a privacidade de alguém de quem gosto.

Ouve-se de novo bater à porta, e reconheço que a minha visita não vai embora. Tento recompor-me mentalmente e puxo a bainha do simples vestido azul-claro que ainda estou a usar, da última aula de inglês do 10.º ano que dei hoje antes das férias de verão. Respiro fundo e abro a porta. Levo com uma rajada do ar gelado da noite de S. Francisco, que me agita os cabelos castanhos compridos que se soltaram do carrapito na nuca. Felizmente, também me refresca a pele febrilmente quente. O que se passa comigo? Como foi que um diário me afetou tão intensamente?

Sem esperar um convite, a Ella passa rapidamente por mim, soltando uma lufada de perfume abaunilhado e agitando os seus caracóis ruivos.

— Ali está ele — diz, tirando o diário da mesinha. — Sabia que o tinha deixado aqui ontem à noite.

Fecho a porta, certa de que as minhas faces estão novamente vermelhas por me aperceber de que agora sei mais sobre a vida sexual da Ella do que devia. Ainda não faço ideia do que me fez abrir aquele diário, do que me fez continuar a ler. Do que me faz, mesmo agora, querer ler mais.

— Não tinha reparado — respondo, desejando poder retirar a mentira assim que a disse. Não gosto de mentiras. Conheço a minha quota-parte de pessoas que as usa, e sei como podem ser prejudiciais. Não gosto mesmo da facilidade com que esta me saiu pelos lábios. Estamos a falar da Ella, afinal de contas, que no ano passado, como minha vizinha, se tornou na minha confidente e a irmã mais nova que nunca tive. Juntas somos a família que nenhuma de nós tem, ou, melhor, que nenhuma de nós deseja reclamar. Constrangida, continuo a balbuciar, um mau hábito causado pelos nervos e pela culpa, aparentemente.

— Foi um longo dia de aulas — acrescento — e tinha pilhas e pilhas de papelada para despachar antes do verão. Tiveste sorte por evitar isso este ano, embora eu tenha tido alguns miúdos fantásticos de que gostei.

Contraio os lábios e digo a mim mesma que já falei o suficiente, mas descubro que não consigo evitar e continuo:

— Só cheguei a casa há uns minutos.

— Bem, felizmente tens tempo para descansar agora — diz a Ella, enquanto abana o diário. — Eu trouxe isto ontem à noite quando tínhamos planeado ver aquele filme romântico. Queria ler-te algumas passagens. Mas depois o David ligou e sabes como é.

Os lábios dela inclinaram-se para baixo e o seu tom de voz estava carregado de culpa.

— Fui uma amiga muito má e abandonei-te.

O David é o namorado dela e é um médico giro. O que o David queria da Ella, conseguia. Agora sei bem como isso é verdade. Observo

a Ella por um momento. Com a sua pele jovial brilhante, vestida com calças de ganga desbotadas e uma t-shirt roxa, parece uma das minhas alunas em vez da professora com 25 anos que na realidade é.

— Estava cansada, de qualquer maneira — tranquilizo-a, mas preocupa-me que ela se esteja a atirar de cabeça num relacionamento com este homem 10 anos mais velho do que ela. — Precisava de me ir deitar para estar pronta para as aulas de hoje.

— Bem, agora já acabaram e ainda bem.

Ela aponta para o diário.

— E estou tão contente por ter isto de volta antes do meu encontro desta noite com o David...

Ela franze o sobrolho.

— Preliminares. O David vai adorar isto. Esta coisa é superes-caldante...!

Eu fico boquiaberta, de tão incrédula que estou.

— Tu lêst-lhe o teu diário?

Eu nunca teria a coragem de ler a um homem pensamentos tão pessoais, muito menos acerca do próprio.

— E são preliminares?

A Ella franze a testa.

— Isto não é o meu diário. Lembras-te? Eu disse-te ontem à noite. Faz parte das coisas das arrecadações que comprei naquele leilão, no início do verão.

— Oh!... — digo, embora não me lembre de ouvir a Ella falar sobre o diário. Em bom rigor, tenho a certeza absoluta de que se ela o tivesse feito me lembraria. — Pois é. Os leilões de arrecadações a que tens ido desde que ficaste obcecada com aquele programa, o *Storage Wars*. Ainda nem acredito que as pessoas guardem as suas coisas e depois não paguem o aluguer. Acaba tudo vendido a quem der mais.

— Mas é isso o que acontece — riposta a Ella. — E não estou obcecada.

Soergo uma sobrancelha.

— Está bem, talvez esteja — admite —, mas vou ganhar mais do dobro do que ganharia a dar aulas no verão. Devias mesmo ponderar ir comigo ao próximo leilão. Já transformei em bom dinheiro duas das três arrecadações que comprei.

Ela ergueu o diário.

— Isto veio da última que comprei, e é a melhor até agora. Tem peças de arte que sei que vou vender por muito dinheiro. E até agora já encontrei três diários que são absolutamente fascinantes. Meu Deus, não consigo parar de os ler. Esta mulher começou como tu e eu e, não sei como, viu-se atraída para um lugar obscuro e apaixonante que é incrivelmente excitante.

Ela tem razão, e eu consigo sentir aquele fogo na barriga ao lembrar-me das palavras naquelas páginas. Quase consigo imaginar a voz suave e sedutora da mulher a segredar-me a sua história. Tento concentrar-me no que a Ella está a dizer, mas em vez disso estou a pensar na outra mulher, a perguntar-me onde estará e quem será ela.

— Oh, céus! — exclama a Ella. — Estás a corar. Leste o diário, não foi?

Empalideço.

— O quê? Eu...

De súbito não consigo falar. Não estou propriamente em mim neste momento, e afundo-me desamparadamente numa poltrona castanha em frente da Ella, apanhada na armadilha da minha mentira anterior.

— Sim... Li-o.

A Ella agarra numa almofada do sofá, semicerrando os olhos verdes para mim.

— Achaste que eu tinha escrito aquilo?

Lanço-lhe um olhar tímido.

— Bem...

— Uau — diz ela, claramente a tomar a minha resposta, ou a falta dela, como uma confirmação.

— Pensaste... — Ela abana a cabeça — Estou sem palavras. É impossível teres lido as partes boas, caso contrário saberias que não era eu. Mas não há dúvida de que estás a corar como se as tivesses lido.

— Eu li algumas partes que eram, hã... bastante pormenorizadas. Ela resfolega.

— E partiste do princípio de que eu as tinha escrito.

E volta a abanar a cabeça.

— E pensava eu que me conhecias. Mas, devo confessar, adorava poder fazer jus a essa opinião por apenas uma noite escaldante. Existe um erotismo misterioso na vida daquela mulher que é simplesmente... — ela estremece — assombroso. Isso e ela afetam-me.

De certa forma, estou aliviada por saber que ela se sente tão afetada pelas palavras naquelas páginas como eu, e não sei porquê. Porque preciso de me sentir aliviada? Não tem lógica. Nada na minha reação a esta mulher desconhecida tem lógica.

— Assim que eu e o David acabarmos o diário — continua a Ella, atraindo-me de volta à conversa —, ele vai tirar fotografias de algumas páginas íntimas para potenciais compradores e vamos pôr os diários no *eBay*. Vão render imenso dinheiro, tenho a certeza.

Fico de queixo caído, pasmada com a ideia.

— Pretendes seriamente vender os pensamentos privados desta mulher no *eBay*?

— Claro que sim — diz ela. — Fazer dinheiro é o objetivo do jogo. Além disso, tanto quanto sabemos, é ficção.

As palavras dela são frias e isso surpreende-me. Não é a Ella que conheço.

— Estamos a falar dos pensamentos privados de uma mulher, Ella. Não queres, com toda a certeza, tirar proveito do sofrimento dela.

Ela arqueia as sobrancelhas.

— Que sofrimento? Parece-me ser apenas prazer.

— Ela perdeu tudo o que tem em leilão. Isso não é prazer.

— Calculo que o ricalhaço dela a tenha levado para um lugar exótico qualquer e ela esteja a viver a vida à grande e à francesa.

A voz dela torna-se séria.

— Tenho de pensar assim para fazer isto, Sara. Por favor não me faças sentir culpada. Eu preciso deste dinheiro, e se não o fizesse, outro comprador tê-lo-ia feito.

Eu abro a boca para argumentar, mas cedo. A Ella está sozinha no mundo, sem família alguma além de um pai alcoólico que não sabe o próprio nome na maior parte do tempo, muito menos o dela. Sei que ela sente que tem de ter dinheiro para emergências. Conheço esse sentimento muito bem. Eu também estou sozinha. Em grande parte. Mas não quero pensar nisso agora.

— Desculpa — digo-lhe, e falo a sério. — Eu sei que isto é bom para ti. Fico feliz por estar a correr bem.

Os seus lábios curvam ligeiramente, e ela anui antes de se erguer. Também me levanto e abraço-a. Ela sorri e o seu humor transforma-se na luz instantânea que tantas vezes descubro que ela traz à minha vida. Adoro a Ella. Adoro mesmo.

— Eu e o David estamos ansiosos por um bocadinho daquela ação fascinante esta noite — anuncia, atrevida. — Tenho de ir embora.

Ela ri e acena-me.

— Tem uma boa noite. Eu sei que terei.

Afundo-me na poltrona e vejo a porta fechar-se.



A minha felicidade transforma-se em pânico quando ouço novamente alguém a bater à porta. Sento-me na cama, desorientada e aturdida, e olho para o relógio. 7 h da manhã do meu primeiro dia sem aulas.

— Quem está a bater à porta, raios? — resmungo, destapando-me e enfiando os pés nas peludas pantufas cor-de-rosa que um dos meus alunos me ofereceu no Natal passado. Agarro no roupão

comprido cor-de-rosa que não é peludo, mas diz COR-DE-ROSA nas costas. As batidas recomeçaram.

— Sara, sou eu, a Ella! — ouço quando me dirijo à sala de estar.
— Rápido! Depressa!

O meu coração agita-se, não só porque a Ella está claramente num estado de pânico mas também porque, ao contrário de mim, que não gosto de perder um segundo do dia, a Ella não se levanta antes do meio-dia quando a tal não é obrigada. Assim que abro a porta, ela lança os braços à minha volta e anuncia:

— Vou fugir!

— Fugir?! — exclamo, afastando-me e puxando a Ella para dentro, protegendo-a do frio matinal. Ela ainda está a usar a roupa da noite anterior. — Do que estás a falar? O que se passa?

— O David pediu-me em casamento ontem à noite! — exclama com entusiasmo. — Mal posso acreditar. Vamos para Paris hoje de manhã — ela olha para o relógio e guincha —, daqui a duas horas!

Ela põe-me algo na mão.

— Tens aqui a chave do meu apartamento. Na mesa da cozinha está o diário e a chave da arrecadação. Se não for esvaziada em duas semanas tem de ser alugada, senão volta a ser leiloada. Por isso tira as coisas e vende-as. O dinheiro fica para ti. Ou então deixa estar. Tanto faz, não importa — diz, mostrando um sorriso rasgado —, pois vou casar em Paris e depois passo a lua de mel em Itália!

Sinto-me subitamente protetora. Não quero que ela se magoe e nunca a ouvi dizer que amasse o David.

— Só conheces este homem há três meses, querida. Eu própria só o vi uma vez.

Ele fora sempre convenientemente chamado de urgência quando tínhamos planeado estar juntos.

— Eu amo-o, Sara — assevera ela, como se me lesse a mente.
— E ele é bom para mim. Tu sabes que sim.

Não, não sei, mas enquanto tento encontrar a forma certa de o dizer ela já está a chegar à porta.

— Ella...

— Eu ligo-te quando chegar a Paris, por isso mantém o telemóvel à mão.

— Espera! — peço, a agarrar-lhe no braço. — Durante quanto tempo vais estar fora?

Os olhos dela brilham de excitação.

— Um mês. Acreditas? Um mês inteiro em Itália. Estou a viver um sonho.

Ela abraça-me e dá-me um beijo numa face.

— Como nós, o pessoal do liceu, só voltamos às aulas em outubro, graças aos dias de aulas mais longos, vou estar fora um mês inteiro! Acreditas? Nunca me voltarei a queixar dos nossos dias cheios de aulas. Um mês inteiro em Itália... é um sonho! Eu ligo, e quando voltarmos teremos um copo-d'água.

Os olhos dela tornam-se ternos.

— Tu sabes que eu queria que estivesses ao meu lado neste dia, não sabes? Mas o David sabia que eu não tinha família. Queria levar-me para longe, para que não fosse doloroso.

Ela espeta o dedo no sítio enrugado que aparece sempre entre as minhas sobrancelhas quando franzo a testa.

— Para de fazer essa cara. Vais ficar cheia de rugas quando envelheceres. E eu estou bem. Estou ótima, na verdade.

— Espero bem que estejas — digo, a tentar fazer a minha melhor voz de professora, mas tenho a garganta demasiadamente apertada para fazer muito mais do que crocitar o aviso. — Liga-me assim que chegares, para eu saber que estás em segurança. E quero fotografias. Muitas fotos.

Ela sorri alegremente.

— Sim, menina McMillan.

Então, vira-se e desata a correr, acenando-me pela última vez por sobre o ombro, antes de virar a esquina. Ela foi-se embora e eu estou a lutar contra umas lágrimas inesperadas que nem sequer entendo.

Estou feliz pela Ella, mas preocupada também. Sinto-me... não sei bem como me sinto. Perdida, talvez. Enrolo os dedos à volta das chaves, e de súbito apercebo-me de que acabei de herdar uma arrecadação e os diários que jurei nunca voltar a ler.

2

E, depois, o momento do qual sei que me vou lembrar até morrer. O momento em que o aço de uma lâmina me tocou nos lábios. O momento em que ele prometeu que haveria prazer na dor...

Aquelas palavras escritas no diário reproduzem-se na minha cabeça ao fim da tarde, no mesmo dia da partida apressada da Ella. Elas assombram-me a ponto de me sentir gelada sempre que penso nelas. Elas são a razão pela qual estou aqui, no interior de uma arrecadação climatizada do tamanho de uma pequena garagem, que a escritora do diário alugou a dada altura, calculo. Felizmente há iluminação, ainda que fraca, e o bairro é bom. Fico em pé, sem saber o que procurar primeiro, pouco à vontade para vasculhar as coisas de uma pessoa estranha.

O momento em que ele prometeu que haveria prazer na dor.

Com vontade própria, as palavras voltam a reproduzir-se na minha cabeça. Estremeço, mas não só porque o diário é explicitamente excitante. Eu não devia sentir-me excitada. Não com prazer doloroso e dominação. Recuso-me a estar excitada. Estou preocupada com

esta mulher misteriosa. Além disso, sou filha do meu pai, tal como a minha mãe foi mulher do meu pai, ou seja: os seus fantoches, que não se atreviam a caminhar nas mesmas sombras que ele. A minha mãe fugira-lhe ao morrer, e eu tinha escolhido expulsá-lo da minha vida desde então. Apesar de cinco anos sem ele, continuo extremamente ciente de que os efeitos permanentes da sua mão pesada estão demasiadamente presentes na minha vida.

Ranjo os dentes ao recordar o passado. Não faço ideia de como a minha mente foi a lugares aonde tento nunca ir. A custo, reconcentro-me na mobília bem arrumada e nas caixas que preenchem as paredes, bem como no que parecem ser peças de arte bem embrulhadas. Uma vida deixada para trás, esquecida. Quem fez isso? Quem deixou para trás coisas que lhe eram suficientemente importantes para arrumar e organizar como deve ser? Não aceito a ideia de que um namorado rico tenha levado esta mulher para viverem uma vida exótica. Ninguém que não tivesse tido azar na vida, ou talvez até alguma tragédia, faria isto. Não quero piorar os problemas desta mulher ao vender as coisas dela. Esta mulher não, corrijo-me, o seu nome é Rebecca Mason. Era o que dizia a papelada, e, segundo a gerência, não podiam dar-me o número de telefone dela e «de qualquer maneira já não se encontra atribuído».

— Vou arranjar uma maneira de te contactar e de te devolver as coisas — sussurro para a sala, como se estivesse a falar com Rebecca, e sinto um arrepio descer-me pela espinha; é como se ela estivesse aqui, como se estivesse a falar com ela... e é absolutamente arrepiante. De alguma maneira, deixa-me mais determinada a encontrá-la.

Suspiro tristemente quando me apercebo do significado do meu juramento. Tenho de invadir a privacidade dela e de lhe vasculhar as coisas para encontrar uma forma de a contactar, uma maneira de lhe devolver o que resta da sua vida. Se ela estiver viva, penso com receio, abraçando-me a mim mesma.

Para com isso, murmuro, repreendendo-me. Esta mentalidade sombria não é coisa minha. Nem sequer gosto de filmes de terror.

O mundo já tem suficientes monstros verdadeiros para estarmos a criar outros ficcionais.

Poderia realmente haver uma razão feliz pela qual Rebecca largasse a vida que tinha. Ganhara a lotaria. Pronto. Sim, havia uma boa razão para largar tudo o que se tem. É improvável mas possível. Uma hipótese em 10 milhões, imagino, mas é possível. Então porque é que esta ideia não elimina a sensação sinistra e oca da sala?

Ansiosa por despachar isto, largo a mala no chão e passo as mãos pelas calças de ganga, observando os itens à minha volta até pousar os olhos numa caixa com a indicação PAPÉIS PESSOAIS em letras perfeitas. Parece o melhor sítio onde encontrar informações e algum contacto.



Duas horas mais tarde, estou sentada contra uma parede, a folhear informação que não tenho o direito de ver. Registos escolares, contas, documentação legal que correspondia a uma herança de tostões pela morte da mãe e último parente vivo de Rebecca, três anos antes. Penso na minha própria mãe, na mulher que se tinha esforçado tanto para me proteger do meu pai, mas que nunca fez coisa alguma para se proteger a si mesma. Fecho os olhos com força, perguntando-me se a dor de a perder alguma vez desaparecerá. Ela tinha sido a minha melhor amiga, a minha confidente mais íntima. Pergunto-me se Rebecca seria próxima da mãe como eu fui da minha. Se ela teria sofrido com a perda dela como ainda sofro.

A custo, regresso à papelada e apercebo-me de que não vou encontrar quaisquer ligações familiares para chegar a Rebecca. Mas, felizmente, o correio e uma resma de declarações bancárias revelaram-me, pelo menos, a sua morada, embora não tenha a certeza absoluta de se estará correta.

Por não me sentir mais perto de encontrar Rebecca, enfio tudo de novo na caixa e levanto-me, a sentir-me tão perra e com cãibras como antes das minhas corridas matinais.

— Experimente a cómoda — diz uma voz masculina atrás de mim.

Solto um guincho, enquanto dou meia volta e vejo um homem à porta com uma camisa de funcionário do armazém. O cabelo na minha nuca eriça-se todo e as minhas terminações nervosas vibram em alerta. Ele é um homem bonito, com trinta e tal anos — louro, de barba feita, com cabelo curto e espetado —, mas é o interesse misterioso no seu olhar penetrante que me deixa nervosa. A sala já pequena parece encolher-se e abater-se sobre mim, e aquela sensação estranha de que não me consigo livrar já não é oca mas centrada em mim, como um peso invisível nos meus ombros e peito.

— C-cómoda? — gaguejo, apesar da segura na minha garganta.

— Toda a gente tem uma cómoda secreta — diz ele em voz baixa, adquirindo um tom rouco. — Um lugar quase tão privado como a alma.

Eu fico tensa e sinto-me atravessada por uma nova onda de desconforto. Ele já esteve aqui dentro, sentia-o com todo o meu ser. Ele tinha andado a vasculhar as coisas de Rebecca. Ele sabia o que estava naquela cómoda. Não gosto deste homem e fico de repente muitíssimo ciente de estar sozinha com ele, a quilómetros da via rápida, e não haver outro cliente por perto — pelo menos que eu tivesse visto ou ouvido.

— Não quero saber os segredos dela — digo, com firmeza, mantendo a voz incrivelmente calma, tendo em conta que sinto as pernas bambas. — Quero encontrá-la e devolver-lhe as coisas.

Ele observa-me por um longo momento, com o olhar tão penetrante como o desconforto que se afunda cada vez mais dentro de mim. Depois, por fim, quando estou prestes a engasgar-me com o silêncio, ele profere:

— Tal como eu disse, procure na gaveta da cómoda.

Os lábios dele desenham um sorriso sardónico e ele afasta-se do batente da porta.

— Eu volto para trancar o edifício exterior às 21 h. E não vai querer estar cá dentro quando eu o fizer.

Sem mais palavras, foi embora.

Não me mexo; não consigo mexer-me. Quero bater com a porta mas não me atrevo, não quando esta se tranca por fora, uma ideia que me aterroriza. Passam-se segundos e espero até os passos do homem desaparecerem ao longe. Desaparecer; sim, desaparecer. Tenho de desaparecer daquele lugar. Corro até à cómoda de mogno brilhante, encostada à parede, e abro a primeira gaveta da direita. Céus!, tenho o coração na garganta a ameaçar estrangular-me. Tenho de parar e obrigar-me a inspirar e expirar devagar. Estou a tremer e irracionalmente assustada. Conto até 30 e consigo respirar de novo. Estou bem; está tudo bem. Abro a gaveta da esquerda e, ao ver o conteúdo, sustenho a respiração que tinha acabado de recuperar. Uma caixa de veludo preto com 30 cm por 20 cm e uma fechadura. Um lenço de seda vermelho. Três diários de couro vermelho.

Mordisco o lábio inferior. Lanço um olhar na direção do corredor e depois de novo para a cómoda. Estou intrigada, apesar dos nervos, mas com medo de que o homem sinistro volte.

Rapidamente, regresso até à cómoda e procuro uma chave para a caixa, dizendo a mim mesma que pode haver informações de contacto no interior; que não estou a ceder a nenhuma curiosidade carnal. Abro cada um dos diários, abanando-os em busca de folhas soltas, de uma chave. Um panfleto cai de dentro de um deles e começo a pô-lo de lado, expondo vários panfletos pelo caminho.

Apanho um deles e leio «Galeria de Arte Allure, S. Francisco». São todos panfletos da Allure, a maior e mais prestigiada galeria entre as muitas que existem na cidade. Lembro-me de a Ella mencionar peças de arte que tinha encontrado na arrecadação. Parece que, apesar de as nossas vidas amorosas serem muito diferentes, eu e a Rebecca temos algo em comum ao partilharmos o nosso interesse por arte. Eu adoro tudo sobre arte, desde a história ao processo criativo. Houve uma época em que teria dado o meu braço direito para trabalhar no mundo da arte. Foi para isso que estudei, era o que tinha sonhado. Um sonho de que tinha desistido há anos quando a vida, as contas e as responsabilidades ganharam prioridade.

Ouve-se um estrondo alto algures no exterior e quase morro de susto. Levo a mão ao peito, a desejar que o meu coração não salte para fora. Trovoada; o som tinha sido da trovoada. Está a cair uma tempestade. Outro trovão barulhento atravessa as paredes, ecoando como se me encontrasse numa gruta — quase como um presságio a dizer-me para me despachar. Oh, valha-me Deus, a minha imaginação está descontrolada, mas não vou ignorar esta sensação desconfortável.

Agarro na minha mala, empilho os diários nos braços, que justifico levar porque são a minha única esperança de encontrar pistas sobre um paradeiro recente de Rebecca. Estou prestes a sair da sala mas hesito por um momento, antes de voltar atrás e correr até à cómoda para pegar na caixa. As minhas mãos ainda tremem quando tento equilibrar as coisas que estou a segurar e pôr o cadeado na arrecadação.

Rapidamente, desço um corredor estreito e pouco iluminado, passando por filas de arrecadações trancadas tal como aquela de onde acabei de sair. Sinto-me como a Alice no País das Maravilhas, prestes a ser sugada para o buraco do coelho. Saio pela entrada principal ao estilo de uma garagem e encontro um parque de estacionamento escuro, ainda mais obscurecido pela tempestade que se aproxima. Como foi que o tempo passou tão depressa?

Começo a andar, meio a correr meio a caminhar, num silêncio furtivo graças aos meus ténis *Nike* azuis-claros, encurtando a distância entre mim e o meu *Ford Focus* prateado. As minhas chaves estão na mala e não sei porque ainda não as tirei. Pouso os objetos que estou a segurar em cima do tejadilho com a intenção de vasculhar a mala e acabo por deixar cair um dos diários. Tento apanhá-lo e deixo cair outro.

— Raios partam — resmungo, e agacho-me, apanhando-os, mas o cabelo na nuca eriça-se outra vez e, apesar das gotas frias de água que me batem na testa, não me levanto. Transfiro o olhar para uma sombra perto da porta aberta da garagem e vejo que não está lá ninguém. Levanto-me num ápice, com o estômago às voltas. *Entra no carro. Entra no carro! Por que raio estás fora do carro?*

Agora com as mãos a tremer, saco das chaves e amaldiçoo a paranoia completamente invulgar a que não consigo escapar. Abro a porta do automóvel de rompante, atiro a mala para o interior e entro, com os diários e a caixa toscamente empilhados no colo. Tranco a porta o mais depressa possível. Solto um suspiro pesado ao ouvir o clique que me isola no interior, e pouso ao calhas os diários e a caixa no assento ao lado.

Estou prestes a ligar o carro quando algo me chama a atenção; olho para o lado do edifício de onde acabei de sair e arquejo. Nas sombras, por baixo de um toldo diminuto, com uma perna apoiada na parede, está o homem que me tinha visitado minutos antes. A observar-me.

Rodo a chave na ignição e digo uma oração silenciosa de agradecimento quando o motor liga. Saio dali o mais depressa possível.



Estou a meio caminho de casa quando a tempestade rebenta sobre a cidade, numa fúria de chuva forte e relâmpagos flamejantes. Essa é sem dúvida a razão por que, apesar de ser sexta-feira à noite, não há lugares de estacionamento perto do meu apartamento. Grata por uma carrada de trabalho escolar para avaliar ter-me motivado a comprar uma maleta do tamanho de uma pequena mala de viagem, enfio a caixa e os diários dentro dela para os proteger da chuva. Uma corrida molhada depois, com água a escorrer-me pelo cabelo e pela roupa, acendo a luz no apartamento. Fecho e tranco a porta com a mesma rapidez com que saí daquela arrecadação.

Talvez a minha imaginação esteja a levar a melhor sobre mim por causa do mistério de Rebecca Mason, mas sinto-me como se estivesse a ser seguida. Aquele homem na arrecadação deixou-me horrorizada. Estremeço só de pensar nele. Bem, isso e o facto de estar encharcada apesar de ser agosto e estarem uns frios 10 °C, de acordo com as notícias.

A água está a formar uma poça aos meus pés, pelo que rapidamente tiro a caixa e os diários da mala encharcada, pousando-os na carpete seca antes de me despir ali mesmo, na entrada. A carpete castanha-clara é um íman para a sujidade, mas alugar uma casa significa que se aceita o que se tem. Começo a caminhar para a casa de banho mas hesito, recuando para pegar no telemóvel, porque me sinto melhor ao tê-lo à mão, mas convengo-me de que é para ligar à Ella. Principio com um banho quente e digito o número dela, na esperança de que saiba onde posso encontrar Rebecca, e também para me certificar de que ela está em segurança e feliz. O telemóvel toca com um sinal rápido e intermitente que me diz que está sem rede, mas ainda assim sinto-me preocupada. Estou uma pilha de nervos e isto está a pôr-me louca.

Quarenta e cinco minutos depois, de banho tomado e vestida com calções cor-de-rosa e uma t-shirt a combinar, com o cabelo suave e seco a cheirar ao meu champô de rosas preferido, estou a repreender-me por ser tão paranoica. Dirijo-me ao frigorífico à procura da solução para todos os meus problemas — um balde de gelado *Boston Cream Pie* da Ben & Jerry's.

Olho para os objetos pessoais de Rebecca ainda junto à porta, ao lado da roupa que despi. Devia ter ficado na arrecadação até encontrar alguma informação acerca dela. Agora não tenho outra escolha senão procurar o que preciso por entre as páginas destes diários. Ou na caixa... que não consigo abrir. Nem sequer tenho a certeza de porque a trouxe.

Alguns minutos depois, sento-me no sofá com os meus bons amigos Ben e Jerry, a pilha de diários e a caixa na mesa de centro. A caixa que ainda não sei como abrir sem potencialmente danificar.

Sem outra opção, pego num diário e abro-o. Numa caligrafia feminina delicada, lê-se 2011. Sem mês. Pergunto-me se aquilo terá sido escrito antes ou depois do diário que a Ella deixara no meu apartamento.

Folheando as páginas, tento procurar palavras que possam indicar um local de emprego e captar pormenores da vida de Rebecca pelo caminho. *A noite estava quente e o meu corpo sedento.* Respiro fundo e viro a página ao ver a indicação óbvia de algo muito mais privado do que um local de trabalho. Esta mulher escrevia com palavras tão floreadas e exóticas... Quem escreve assim? *A minha vida mudou no dia em que entrei na galeria de arte.* Está bem, isso captou a minha atenção pela razão certa. A galeria é claramente onde preciso de procurar por Rebecca. Mas ela trabalhava lá ou era cliente? Se calhar era uma artista...!?

Continuo a ler, à procura das minhas respostas. *Eu mudei. Isto mudou-me. Este mundo mudou-me. Ele diz que simplesmente me ajudou a revelar o meu verdadeiro eu. Já nem sequer sei quem é o meu verdadeiro eu.*

Ele quem?, sussurro para o texto.

Os lugares a que vou agora, tanto emocional como fisicamente, são sombrios e perigosos. Eu sei disso, porém, para onde ele me leva — aonde eles me levam — eu vou.

Franzo a testa, a pensar no início do diário que tinha lido, que alguém entrara no quarto enquanto Rebecca estivera vendada e atada à cama.

Como pode o medo ser excitante? Como pode o medo fazer-me ansiar, arder e desejar? Mas, todavia, eu desejo, anseio e atrevo-me a coisas que nunca acreditei ser capaz de fazer. É este o meu verdadeiro eu? Essa ideia assusta-me profundamente. Esta não posso ser eu. Eu não sou esta pessoa. Mas, ainda mais do que o medo de ser, de facto, alguém que não reconheço, temo a ideia de não ser essa pessoa. De voltar ao passado. De mais uma vez ser a boa rapariga com uma vida aborrecida, a picar o ponto num trabalho das 9 h às 17 h. Nunca feliz, nunca satisfeita. Pelo menos agora sinto algo. A agitação do medo é muito melhor do que a derrota do tédio. A excitação de não saber o que se segue é bem melhor do que saber que o dia de hoje será como o anterior. Sem antecipação, sem sentir algo.

Não, não posso voltar. Então porque estou tão aterrorizada para seguir em frente?

Rebenta um trovão nos céus, acordando-me momentaneamente do meu absorvimento. Olhando de soslaio para a janela, onde a chuva bate no vidro, enrosco-me inconscientemente no canto do sofá, a pensar no que acabei de ler. Sou tão diferente desta mulher que escreve os diários, porém possuo uma ligação estranha às palavras dela. Eu adoro os meus alunos, mas sinto a dor de encorajá-los a perseguirem os seus sonhos e saber que não segui os meus; de saber que as palavras que lhes digo são hipócritas. Compreendo como é ver cada dia passar, sabendo que não estou mais perto de realizar os meus sonhos. Trabalhos no mundo da arte são tão escassos e tão mal pagos que não consigo justificar a minha paixão com o meu trabalho.

Solto um suspiro pesado de remorsos e volto a olhar para a página. Estou perdida num mundo que não é meu e nunca poderá ser, mas de alguma maneira, agora mesmo, é.

Três horas depois, a chuva acalmou, só chuveisca, e já não estou deitada no sofá. Entretanto, li os três diários, que foram de eróticos e excitantes a completamente assustadores. Agora estou sentada, a ponderar nas palavras da última entrada.

Quero sair. A adrenalina já desapareceu. Já nem sequer é excitante. Mas ele não me deixa; não me quer deixar ir; e não sei como fugir dele. Ele estava presente na exposição esta noite, a observar-me, a seguir-me. Quis fugir. Quis esconder-me mas não o fiz. Não pude. Num minuto estava a falar com um cliente, no seguinte estava num canto escuro com ele enterrado bem fundo dentro de mim. Quando acabou, afagou-me o cabelo e prometeu ver-me mais tarde. Esta noite. Assim que fiquei sozinha, corri até à sala de vídeo para tirar a cassete, para evitar que ele ficasse com ela e comigo também. Mas não estava lá. Ele tinha-a tirado antes de mim. E agora...

Foi isso, nada mais. Como se tivesse sido interrompida por algo ou alguém e tivesse parado de escrever. Fito a página em branco, com

o coração a bater sacolejando no peito. *Estes diários foram anteriores ou posteriores ao que tinha estado a ler na outra noite?* — pergunto-me de novo. É que se foram anteriores eu saberia que Rebecca estava bem. Ligo à Ella e mais uma vez escuto o sinal intermitente que não quero ouvir.

Frustrada, levanto-me num ápice e ando de um lado para o outro, enfiando os dedos pelo cabelo já despenteado. Rebecca Mason deve ter saído da cidade, era por isso que as suas coisas estavam na arrecadação. Mas porque não as tinha vindo buscar? Ou pagado o aluguer? Cerro os punhos ao lado do corpo e depois obrigo-os lentamente a abrirem, obrigo os ombros a relaxarem. Digo a mim mesma para me acalmar com a lógica. Não há motivo para tirar conclusões precipitadas. Simplesmente liguei para a galeria e localizarei Rebecca, descobrirei que tudo está bem e devolverei as coisas. Acabou-se a história, pronto; perfeito. Depois, continuarei a dar explicações durante o verão.

Pego no telemóvel que está na mesa de centro, com a intenção de fazer essa chamada, mas contenho-me de imediato. Já passa da meia-noite; tentei ligar à Ella, embora não faça ideia de que horas são em Paris, e agora estou a tentar ligar para a galeria de arte. Lá se foram a calma e o controlo.

Algo sobre Rebecca Mason ultrapassou as páginas daqueles diários e tornou-se pessoal. Eu tinha-me tornado na Rebecca enquanto estava a ler aqueles diários. Sinto uma ligação tão íntima com esta estranha que é absolutamente sinistro. *Ou, se calhar, penso com ironia, a minha própria vida é apenas tão aborrecida que estou desesperada por um pouco de excitação.* Tal como a Rebecca tinha estado, antes de o ter conhecido.

Com esse pensamento, abraço o meu próprio corpo e vou para a cama. Mas, antes disso, agarro nos diários e levo-os comigo.

3

— **A** Rebecca não está.
É a mesma resposta que o homem que atende o telefone da galeria me deu, da última vez que liguei. E na vez antes dessa.

— Ela está de férias? — pergunto. — Foi o que me disseram a semana toda. Hoje é sexta-feira. Ela estará de volta na segunda?

A linha fica em silêncio.

— Pode deixar uma mensagem.

Já tinha deixado várias e não vejo o que adianta deixar outra.

— Não, obrigada.

Desligo e beberico o meu galão de baunilha do Barnes & Noble, onde tinha acabado de dar explicações a um jogador de futebol americano que pretende impressionar as universidades com mais do que os seus talentos no jogo.

Toda esta situação da Rebecca está a deixar-me louca. Já verifiquei duas vezes o tempo que me resta para esvaziar a arrecadação, tendo em conta que a Ella não tinha sido exatamente um poço de informação, e é uma oportunidade curta — pouco mais de uma semana. Depois disso, seriam 200 dólares por mais um mês inteiro. Uma moessa valente no fluxo de caixa do meu já apertado orçamento.

O gerente tinha-me oferecido mais uma semana, pela qual fiquei grata, mas tenho de lidar com a Rebecca e tenho de o fazer agora.

Com o portátil já aberto e ligado, entro no site da Galeria de Arte Allure com a intenção de pesquisar a lista de empregados, para me certificar de que o nome da Rebecca ainda aparece. De facto, consta como diretora de marketing. Hum... Bem, isso é bom. Tem de ser um sinal de que ela está bem. Certo?

Um anúncio a um evento no lado da página chama-me a atenção e clico nele. Há uma exposição na galeria esta quarta-feira à noite e não é para um artista desconhecido. Sinto-me entusiasmada ao aperceber-me de que Ricco Alvarez, um pintor muito elogiado, vai fazer uma exposição. Eu adoro a representação que Ricco Alvarez faz da sua terra natal, o México, e embora seja sobejamente conhecido, numa cidade artística como S. Francisco, que alguém do seu estatuto possui uma casa na cidade, ele raramente aparece em público. Mas é por uma boa causa, um evento de beneficência formal, no qual o valor da bilheteira e de uma peça de arte de Alvarez, a ser leiloadada, serão entregues como donativo a um hospital pediátrico local. Certamente, com um evento destes, a Rebecca estará a organizá-lo.

Batendo com as unhas na mesa de madeira, considero as minhas opções. Se não conseguir entrar em contacto com a Rebecca antes da exposição vou ao evento. Em silêncio, rio de mim mesma. Quem estou a tentar enganar? Eu vou ver Ricco Alvarez, nem que tenha de comer massa *ramen* durante duas semanas, e uma vez que os bilhetes custam 100 dólares é o que vou fazer. Mas eu nunca, nunca esbanjo dinheiro. Mordo o lábio inferior e aflijo-me, e antes que possa impedir-me, clico no botão COMPRAR BILHETES. Não poderei receber um reembolso se entrar em contacto com a Rebecca antes disso, mas terei de aguentar. Não consigo parar de sorrir. Não será um sacrifício conhecer Ricco Alvarez. Sinto-me melhor com o plano. Agora, se conseguisse contactar a Ella, e saber que ela está bem, talvez pudesse efetivamente dormir esta noite.



Chega quarta-feira à noite e a Rebecca ainda «não está», segundo o pessoal da Allure. Por isso lá vou, ao evento de Alvarez, mas a minha excitação por causa da exposição foi diminuída muito eficazmente pela sensação de que algo está mesmo mal. Toda esta situação deixa-me nervosa, e embora preferisse ter companhia e algum apoio moral no evento desta noite, tinha decidido ignorar a ideia. Não estava disposta a tentar explicar porque andava atrás de Rebecca Mason, pessoa que não conhecia, e que temia poder ter sofrido... algo. Não vou sequer deixar que a minha mente elabore esse pensamento. E não vou justificar a minha preocupação ao deixar outra pessoa ler os pensamentos privados da Rebecca.

Estaciono o carro a vários quarteirões de distância da galeria, tanto por necessidade como por preferência. Quando abro a porta, o vento gelado da noite levanta-se do oceano próximo, sacudindo fios soltos do meu cabelo comprido. A pele dos braços arrepia-se-me e coloco o meu xaile de cor creme sobre o vestido justo até aos joelhos, simples mas elegante. Está bem, na verdade o vestido e o xaile são da Ella, mas nós estamos sempre a emprestar roupa uma à outra. Ter-lhe-ia perguntado formalmente se ela se importava, mas ainda não consegui falar-lhe. Tranco o carro e guardo as chaves na mala de cor creme, colocada a tiracolo, que comprei no cais no verão passado.

Inspiro, absorvendo os sons e as vistas, a movimentação do bairro artístico SoMa, cheio de pessoas a desfrutarem das lojas, dos museus e das inúmeras galerias de arte. Não costumo vir aqui muitas vezes. Simplesmente não posso. Lembra-me daqueles sonhos que nunca segui. Mas já passou imenso tempo, apercebo-me, quase um ano, desde que desfrutava do ambiente na rua do mercado. A arquitetura — que variava desde estruturas de vidro brilhante, recente, a velhos armazéns convertidos em residências e escritórios — era tanto artística como as esculturas e desenhos nas paredes de cimento dos

edifícios. Sinto algo especial aqui. Sinto-me viva. Não gosto é do que sinto quando vou embora.

Quando a galeria surge no meu campo de visão, paro para ver um grupo de visitantes, elegantemente vestidos, passar pelas portas de vidro duplas forradas a prateado brilhante a caminho do evento formal. Letras vermelhas floreadas, dispostas por cima da entrada, anunciam ALLURE.

Sinto nervoso na barriga, embora não perceba porquê. Adoro a arte contemporânea em que a Allure se especializa, adoro a sua mistura de novos artistas locais que posso descobrir, bem como os nomes conhecidos cujo trabalho já aprecio. Os meus nervos são ridículos. Fico desconfortável neste mundo, mas, de facto, este não é o meu mundo, é o de Rebecca, e Rebecca é a verdadeira razão por que estou aqui.

Olho para o meu relógio dourado de pulso, gracioso e de fabrico artesanal, também comprado no cais, e confirmo que tenho tempo de sobra. São 19h45, faltam 15 minutos para Alvarez revelar um novo quadro, que será exposto na galeria e colocado em leilão silencioso até ao fim da semana. Oh, como adoraria ter um original de Alvarez, mas não são baratos. Mesmo assim, uma repariga pode sonhar.

A excitação junta-se aos meus nervos quando me apresso na direção da porta. Uma jovem mulher morena, com um simples vestido preto, segura-a para mim e oferece-me um sorriso.

— Bem-vinda.

Retribuo o sorriso e entro na galeria, reparando na energia nervosa que a repariga de vinte e tal anos emana quando passo por ela, uma energia que grita «Sou nova e não sei o que estou a fazer». Esta não é Rebecca, que eu sei que deverá ser extremamente ousada e confiante. De facto, a rececionista faz vir ao de cima a professora dentro de mim e luto contra a vontade de a abraçar e de lhe dizer que está a portar-se bem. Eu adoro dar abraços. Herdei isto da minha mãe, tal como o amor pela arte, só que não era talentosa com um pincel como ela tinha sido.

A rapariga é salva do meu comportamento maternal quando se ouve o som de um piano a tocar num canto distante, que me chama a atenção para a sala de exposições principal. Estou pasmada. Não é a primeira vez que visito a maravilha de 770 m² que é a galeria Allure, mas a minha excitação não diminui ao vê-la de novo.

O átrio abre-se para a principal sala de exposições. É uma maravilha branca e cintilante. As paredes são brancas como a neve, o chão brilha como diamantes brancos e as paredes divisórias resplandecentes curvam como ondas abstratas, cada uma adornada com peças de arte coloridas, chamativas e contrastantes.

Desvio-me da sala de exposições, dando atenção ao meu objetivo em vez de ao prazer, e entrego o meu bilhete a uma rececionista por trás de um balcão. Ela é alta e elegante, com cabelo preto comprido.

— Rebecca? — pergunto com esperança.

— Não, lamento — diz ela. — Chamo-me Tesse.

Ela ergue um dedo quando olha pelas portas de vidro, para um cliente que se aproxima e que precisa de atender. Espero com paciência, na esperança de que esta jovem me possa ajudar a entrar em contacto com Rebecca. Ouço com atenção enquanto ela orienta o novo convidado para uma escadaria curta que segue na direção da música e, aparentemente, ao local onde Ricco Alvarez irá revelar a sua obra-prima.

— Lamento a interrupção — disse Tesse por fim, dando-me toda a atenção. — Estava à procura da Rebecca. Infelizmente ela não estará presente no evento desta noite. Há alguma coisa em que possa ajudá-la?

Sinto-me desiludida. Faltar a um evento de Alvarez não é algo que alguém como Rebecca faria. Eu só quero saber, com certeza, que ela está em segurança. Apresentar-me como uma estranha não parece ser a forma de o conseguir.

— A minha irmã é uma velha amiga da Rebecca. Ela disse-me para não me esquecer de a cumprimentar e de lhe dar o novo número de telefone dela. Ela parecia acreditar que a Rebecca estaria presente

em eventos importantes como este. Vai ficar desiludida por não a ter encontrado.

— Oh, lamento que não a tenha encontrado — diz Tesse, a parecer genuinamente preocupada. — Eu não sou apenas nova aqui como também só trabalho em *part-time*, apenas quando precisam de mim, por isso não sei muito do que se passa internamente, mas acho que a Rebecca tirou umas férias. O Sr. Compton sabe, com certeza.

— O Sr. Compton?

— O diretor da galeria — explica. — Ele vai estar ocupado com a apresentação daqui a pouco, mas posso apresentar-lho depois, se quiser...?

Aceito.

— Sim, por favor. Isso seria ótimo.

O piano para de tocar abruptamente.

— Estão prestes a começar — informa-me Tesse. — É melhor arranjar um lugar enquanto pode. Eu não me esqueço de lhe apresentar o Mark depois da exposição.

Sinto-me entusiasmada.

— Muito obrigada — digo, antes de me dirigir para a área do público. Não acredito que estou prestes a ver um original de Alvarez a ser apresentado pelo próprio.

Um assistente vestido de fato e gravata cumprimenta-me ao fundo das escadas e oferece-me ajuda para encontrar um lugar. E como precisava de ajuda...! Havia pelo menos 200 cadeiras alinhadas à frente de um minipalco, disposto perante uma janela de alçada que abrangia praticamente a parede inteira, e quase todas as cadeiras estavam ocupadas.

Espremo-me numa fila do meio, entre um homem com um ar de artista rebelde estampado no seu cabelo louro comprido e calças de ganga e *blazer*, e uma mulher de cinquenta e tal anos, muito irritada por ter de me deixar passar. Não consigo impedir-me de reparar que o homem é incrivelmente bonito, e eu nunca fui uma pessoa

facilmente impressionável. Sei demasiadamente bem que a beleza só existe muitas vezes à superfície da pele.

— Está atrasada — diz o homem como se me conhecesse, com um sorriso amistoso nos lábios, enrugando os cantos dos olhos verdes, que exprimem uma profunda marotice. Calculo que tenha cerca de 35 anos. Não, uns 33. Sou boa com idades e a ler pessoas. Os meus alunos costumavam descobrir isso quando queriam fazer asneiras.

Sorriso também para o homem, a sentir-me instantaneamente confortável com ele, quando, além dos meus alunos, geralmente sou bastante reservada com estranhos.

— E você esqueceu-se de ir buscar o fato, pelo que vejo — digo em tom de provocação. De facto, pergunto-me como terá ele conseguido entrar vestido daquela maneira.

Ele passa a mão pela barba loura-clara de um dia, quase dois.

— Ao menos fiz a barba.

O meu sorriso alarga-se e preparo-me para responder, mas o som estridente de um microfone preenche o ar. Um homem que reconheço de fotografias como sendo Ricco Alvarez ocupa o palco e coloca-se ao lado do pano que cobre um quadro, sem dúvida a sua obra-prima mais recente. Elegante no seu fato ao estilo de James Bond, ele é o completo oposto do homem ao meu lado.

— Sejam todos bem-vindos — diz ele, numa voz com um forte sotaque denunciador da sua origem hispânica, tal como as suas obras.

» Eu sou Ricco Alvarez e agradeço-vos por partilharem nesta grande noite o meu amor pela arte e pelas crianças. Assim, apresento-vos aquilo a que chamo *Chiquitos*, ou *Pequenada*.

Ele tira o pano e todos ficam espantados com a peça de arte inesperada, que não é em nada parecida com o que ele antes fizera. Em vez de uma paisagem é um retrato de três crianças, todas de nacionalidades diferentes, de mãos dadas. É uma obra bem executada, apropriada para a ocasião, embora secretamente eu tivesse desejado ver uma paisagem que demonstrasse o seu brilhante talento.

O homem ao meu lado pousa um cotovelo no joelho e baixa a voz.

— O que acha?

— É perfeito para esta noite — digo com cautela.

— Oh, tão diplomática — diz ele com uma gargalhada baixa.

— Você queria uma paisagem.

— Ele faz paisagens lindíssimas — respondo em minha defesa.

Ele sorri.

— Ele devia ter feito uma paisagem.

— E agora — anuncia Ricco —, enquanto as licitações começam, vou circular pela sala para responder a perguntas sobre as minhas muitas obras em exposição esta noite, na esperança de conhecer tantos de vós quanto possível. Por favor, estejam à vontade para subirem ao palco e verem melhor a obra *Chiquitos*.

Quase instantaneamente, a multidão levanta-se.

— Vai ver mais de perto? — pergunto ao homem ao meu lado.

— Não gosto de multidões — diz ele. — Nem da tentativa do Ricco de fazer retratos.

Ele pisca-me o olho.

— Não o elogie quando o conhecer. Ele já é suficientemente convencido.

Ele começa a mover-se pela fila na direção da saída. Olho para ele sentindo uma vibração estranha na barriga ao vê-lo partir, curiosa por saber quem ele é.

Franzo a testa quando recorro parte da nossa conversa. Ricco. Ele tinha-se referido a Ricco Alvarez como Ricco e falado dele como se o conhecesse. Agora já é tarde para descobrir como ele conheceu Ricco e, retrato ou não, estou ansiosa para ver mais de perto o quadro em questão. Ainda não conheci Ricco e já é uma decepção, mas ainda estou entusiasmada com a oportunidade de ver a obra dele.

Algum tempo depois, estou a desfrutar de um passeio demorado pela galeria, explorando a coleção completa de Alvarez em exposição, quando avisto um quadro de Chris Merit, cuja obra estudei na

faculdade. Ele também era um artista local, mas acho que me lembro de ter ido viver para Paris. Com excitação, movo-me na direção da obra. A especialidade dele são paisagens urbanas — na maioria de S. Francisco, tanto passadas como presentes — e retratos de indivíduos reais com tanta profundidade e alma que me deixam sem fôlego.

Junto-me a um casal idoso dentro da pequena sala, onde discutem qual das várias paisagens devem comprar. Incapaz de me conter, intervenho.

— Acho que deviam levar todas.

O homem faz uma expressão zombeteira.

— Não lhe dê ideias, senão deixa-me pobre. Ela pode ter só um, para pôr em cima da lareira.

— Que homem avarento — diz a mulher de cabelo grisalho, batendo-lhe no braço em tom de brincadeira, e depois olha para mim. — Então diga-me, querida — ela move-se entre dois quadros —, qual destes acha que é um melhor tema de conversa?

Eu observo as duas opções, ambas a preto e branco, embora Merit costume usar cor. A primeira é uma representação da Baixa de S. Francisco no meio de uma espécie de tornado. A outra é da Golden Gate Bridge envolta em nuvens, e o horizonte da cidade espreita por trás dela.

— Uma escolha difícil — digo, pensativa. — Ambas têm um ar tenso e misterioso, e ambas têm o fator de espanto.

Aponto para a cena da cidade em tempestade.

— Por acaso sei que aquele retrata o impacto que o furacão *Nora* teve na cidade, em 1997. Para mim, isso faz do quadro um tema de conversa e com um pouco de história para começar, mesmo na sua sala de estar.

— Tem toda a razão, querida — concorda a mulher, com o olhar animado. — É este mesmo.

Ela lança um olhar expetante ao marido.

— É perfeito. Tem de ser meu.

— Então tê-lo-ás — declara o marido.

Sorrio ao ver a alegria da mulher, mas não sem um pouco de inveja artística. Eu adorava levar o quadro para casa, tal como ela levará, esta noite.

— Sei que tinha uma pergunta para me fazer — diz uma voz masculina, chamando-me a atenção da entrada da exposição, onde está um homem com cabelo louro bem cortado. É alto, confiante e possui um ar de posses. E os seus olhos... são do cinzento-prateado mais singular que já vi.

» Sou Mark Compton — diz ele —, o gerente da galeria. E parece que lhe devo mais do que uma resposta à pergunta que me quer fazer. Parece que preciso de lhe agradecer por ajudar os meus clientes.

Ele olha para o casal.

— Calculo que já tenham escolhido?

— Sim, já — responde o marido, claramente satisfeito por a mulher ter tomado uma decisão. — Gostaríamos de levar a obra connosco esta noite, se for possível.

— Excelente — diz ele. — Se me der um momento, vou mandar embrulhá-la.

Ele faz-me sinal para o seguir, mas eu abano a cabeça.

— Não tenho pressa. Ajude-os com a compra e depois pode vir procurar-me.

Ele observa-me com demasiada atenção, com aqueles olhos prateados cheios de interesse, e eu fico subitamente constrangida. Ele é, sem dúvida, classicamente bonito pelos padrões de qualquer pessoa, mas há algo de intenso e sexual neste homem, algo quase predador.

— Muito bem, então — diz ele baixinho —, daqui a pouco venho ter consigo.

Não é uma declaração que insinue um significado subentendido, mas sinto que tem um. O olhar dele desvia-se para o casal.

— Vamos para a caixa.

O casal agradece-me pela ajuda e seguem Mark com pressa. Assim que vão embora e que Mark Compton está fora de vista solto um sus-

piro que não sabia que estava a reter e recomponho-me internamente. E não só por causa da forma como os olhos dele me tinham observado tão... tão quê? Intimamente? Com certeza que não. Ainda tenho a imaginação hiperativa por causa de ler os diários. Pergunto-me se ele é de facto o homem dos diários. Tem certamente a atração sexual com que as palavras de Rebecca o descreveram. Mas também a tem Ricco Alvarez. Meu Deus, estou a dar em louca.

Um empregado da galeria interrompe-me antes de poder entrar noutra ronda de pensamentos «loucos» e retira da exposição a compra do casal. Obrigo-me a parar de superanalisar e a relaxar, desfrutando da solidão enquanto descubro as obras mais recentes de Chris Merit.

— Gosta do Merit? — diz outra voz masculina, desta vez familiar.

Viro-me e encontro em pé, junto à entrada, o homem que tinha estado sentado ao meu lado durante a apresentação. Anuo rápida e ansiosamente.

— Muito. Quem me dera que tivessem alguns dos retratos dele, mas as paisagens urbanas são magníficas. E você gosta?

Ele encosta-se à parede.

— Dizem que ele não tem um ego do tamanho do mundo. E isso é positivo, a meu ver.

Inclino a cabeça e observo-o, relaxando com a conversa fácil.

— Então porque está aqui, se não gosta do Ricco?

Mark Compton aparece à entrada.

— Estou a ver que não foi para muito longe — diz-me ele, e depois olha para o outro homem. — Não me digas que estás a promover o teu próprio trabalho no evento do Ricco?

Ele olha de soslaio para mim.

— Ele estava a propagandear o seu próprio trabalho?

Fico boquiaberta.

— Espere. O seu próprio trabalho?

Olho para o meu novo amigo sem nome, que em nada se parece com o Chris Merit que já vi em fotos.

— Quem é você exatamente?

Os cantos da boca dele estremecem.

— O espião do sapato vermelho.

E com isso vira-se e vai embora.

Abano a cabeça.

— O quê? O que é que isso quer dizer?

Viro-me para Mark.

— O que quer dizer aquilo? O espião do sapato vermelho?

— Sei lá — diz Mark, comprimindo os lábios com desaprovação.

— O Chris tem um sentido de humor deturpado. Felizmente, isso não se reflete na tela.

Fico de queixo caído.

— Espere aí: está a dizer que aquele era o Chris Merit?

Vasculho o cérebro à procura de imagens dele que tenha visto e lembro-me dele de forma diferente. Confundi a sua imagem com a de outro?

— Aquele é o Chris — confirma ele. — E, como pode ver, é um pouco estranho. Estava na sala da sua própria exposição e nem sequer lhe disse quem era.

Ele pousa as mãos nos lábios.

— Ouça, a Tesse disse-me que você... desculpe, não sei o seu nome...

— Sara — digo —, Sara McMillan.

— Sara... — repete ele o nome, com a voz baixa, como se estivesse a tentar saboreá-lo na língua, a saborear-me a mim na língua. Passam-se alguns segundos e a pequena área de exposição parece tornar-se mais pequena antes de ele acrescentar:

— A Tesse tem razão, a Rebecca está de férias.

O tom de voz dele torna-se completamente profissional agora, e pergunto-me se imaginei o tom mais rouco. Eu sou, afinal de contas, excelente a pôr-me louca.

— Compreendo — profiro. — Há forma de a contactar?

— Se arranjar uma maneira diga-me — diz ele. — Ela foi num cruzeiro de duas semanas com um gajo rico qualquer, com quem

estava a namorar, e isso transformou-se num verão inteiro. Concordei porque ela é boa no trabalho e os clientes adoram-na. Mas depender de estagiários que não sabem o que estão a fazer está a dar cabo de mim. Vou ter de pôr alguém aqui para a substituir, que saiba mesmo o que está a fazer.

— O verão inteiro...? — repito com desconforto, concentrando-me na estranheza que isso representa. O verão inteiro é demasiado tempo para uma rapariga empregada abandonar o trabalho. E o comentário de Mark sobre o «gajo rico» soou-me errado por alguma razão, embora possa ter sido apenas a frustração dele por causa da ausência prolongada de Rebecca. Ou, se calhar, poderia ele ter ciúmes desse gajo rico? Franzo as sobrancelhas.

— Deixá-lo enrascado assim desta maneira... não me parece a Rebecca responsável que a minha irmã descreveu.

— As pessoas nem sempre são o que parecem — sentencia, e move-se na direção da arte exposta de Chris Merit. — A arte nem sempre reflete o artista. Só conhecemos a verdadeira pessoa quando entramos por baixo da sua superfície.

Ou procuramos dentro da sua cómoda, penso com culpa. Mas Rebecca não me parecia ser alguém que abandonasse o seu trabalho. Ela adorava o trabalho. Mas também posso estar enganada. Apesar de seduzida por este mundo que tinha criado, Rebecca também se tinha sentido assustada. E, mais do que nunca, quero saber porquê. O que criou tal obsessão, tal medo?

Um desejo súbito de respostas, uma necessidade de sair daqui esta noite com algo mais do que aquilo com que vim domina-me, e antes de o poder evitar balbucio:

— Eu posso substituir a Rebecca. Sou professora, por isso estou de férias. Tenho um mestrado em arte do Instituto de Arte e um bacharelato em gestão. Estagiei durante três anos no Museu de Arte Moderna e sei de arte. Toda a arte. Ponha-me à prova, se quiser.

Ele semicerra ligeiramente os olhos e o silêncio entre nós ouve-se durante vários longos segundos.

— Está contratada, Sara McMillan. Pode começar na segunda-feira. Vou deixá-la desfrutar do resto da noite.

Ele baixa a voz.

— E, depois, será toda minha.

Ele vira-se e afasta-se.

Pestanejo, aturdida. Acabara de me contratar, mas não me tinha feito sequer uma pergunta. E eu não o tinha questionado sobre horários ou ordenado. Respiro fundo. Tinha vindo aqui para encontrar Rebecca, para me certificar de que ela estava sã e salva. Em vez disso, estou prestes a tornar-me em Rebecca, ou, melhor, a ser a diretora de marketing da galeria. Para poder encontrar Rebecca, digo a mim mesma. Algo lhe aconteceu e tenho de prová-lo. É por isso que estou aqui. Por mais nenhuma razão.

Será possível viver a vida de outra mulher?

Quando os diários secretos de Rebecca chegam às mãos de Sara, ela não podia imaginar os segredos que contêm. Por entre histórias repletas de atos sexuais tão ilícitos como tentadores, Rebecca revela o medo de estar a correr perigo.

Decidida a descobrir o que aconteceu à misteriosa Rebecca, Sara entra no seu mundo. Quase sem dar por isso, sente que entrou também na sua vida. Ocupando o seu emprego, e privando com pessoas que a conheciam, acaba envolvida com um homem perigosamente parecido com aquele que Rebecca descreve nos seus diários.

Será que este mundo, onde Rebecca desapareceu, também vai engolir Sara? Quantos mais segredos Sara descobre, mais sensual e mais perigosa vai ficando a sua missão de encontrar Rebecca. E mais embrenhada ela vai ficando na vida da desaparecida.

Com um ritmo voraz e inebriante, Lisa Renee Jones oferece-nos um romance repleto de emoção e sensualidade, que irá agradar às fãs de J. Kenner, Maya Banks, Sylvia Day e EL James.

«Um livro que não só está bem escrito como é uma história cativante e um romance superquente e sexy.»

The Revolving Bookcase

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-85-5



9 789898 800855

Romance Erótico